



SOBRE RESGATE E DESCENTRAMENTO NOS ESTUDOS LITERÁRIOS

ON RESCUE AND DECENTERING
IN LITERARY STUDIES

Nancy Rita Ferreira Vieira¹

Resumo: Entre as décadas de 80 e 90, pesquisadora (e)s brasileira (o)s de diversas universidades estiveram envolvidas em um amplo projeto de traço arqueológico: recuperar autoras, poetisas, cronistas, dramaturgas, jornalistas, seus escritos, sua atuação no âmbito da literatura, da cultura do período oitocentista brasileiro. Escritos e escritoras silenciadas e excluídas da história literária brasileira, cujas produções – ainda que bem aceitas pelo público à época – não tiveram segundas edições ou que não mereceram atenção da crítica, voltada para padrões androcêntricos. Dessa investigação realizada, nomes proscritos da história literária e obras esquecidas voltaram a circular e a exigir uma nova vertente da historiografia e da crítica a basear-se nos estudos feministas a fim de construir novos parâmetros para os estudos literários. Conhecer essa produção de mulheres, republicar e divulgar suas obras através de edições comentadas que oferecem a compreensão da época vivida e da “leitura de mundo” dessas mulheres, como o a tarefa quixotesca realizada pela editora Mulheres da Zahidé Muzart, decerto permitiu a circulação de nomes como os das cariocas Gilka Machado, Júlia Lopes de Almeida, da maranhense Maria Firmina dos Reis ou das baianas Ildefonsa Laura César, Adélia Fonseca, Ana Autran, Amélia Rodrigues, Anna Ribeiro. Analisar o papel da linha de pesquisa Resgate – do Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura – em incluir como um dos projetos da literatura brasileira o papel das escritoras oitocentistas e de ponderar sobre em que medida os estudos

¹ Universidade Federal da Bahia. E-mail: nancyrfv@gmail.com.

advindos da recuperação dessas autoras e dessas obras interferiram no descentramento dos estudos literários contemporâneos no Brasil é a proposta da intervenção aqui proposta.

Palavras-chave: Estudos Literários. Cânone Literário. Resgate.

Abstract: In between the 80's the 90's, Brazilian researchers from many universities were involved in a broad project traced archeologically: to recover female authors, poets, chroniclers, playwrights, journalists, their writings, their action in the scope of literature, of the Brazilian nineteenth century period. The writings and the female writers who were silenced and excluded from the Brazilian literary history, whose productions – well accepted by the public from that time – did not have a second edition, or did not receive attention from critics, basically androcentric-oriented. From this investigation, names rejected by the literary history and their forgotten works returned to circulate and to demand a new strand from the historiography and from criticism. They returned to ground themselves in feminist studies, in order to build new parameters to literary studies. To acknowledge this production by women, to republish and to publicize their works through commented editions that can offer some comprehension of the time they lived in, and of the “reading of the world” of these women – as the quixotic task accomplished by the Publishing company *Mulheres* from Zahidé Muzart –, certainly permitted the circulation of names such as Gilka Machado, Júlia Lopes de Almeida, both from Rio, Maria Firmina dos Reis, from Maranhão, or Ildefonsa Laura César, Adélia Fonseca, Ana Aufran, Amélia Rodrigues, Anna Ribeiro, all from Bahia. Thus, the objective of this intervention is to analyze the role of the research line *Recuperation* – from the research group *The Woman in Literature* – in including as one of the projects of Brazilian literature the role of nineteenth century female writers, and to consider about how much of the studies coming from the recovering of these female authors and these works interfered in the decentering of contemporary literary studies in Brazil.

Keywords: Literary Studies. Canon. Recuperation.

“Nestes últimos tempos é certo que a esquerda muita vez
Desfigurou as linhas do seu rosto

Mas que diremos da meticulosa eficaz expedita
Degradação da vida que a direita pratica?”
Sophia de Mello Breyner Andresen, *O nome das coisas*.

Enquanto cuidava dos inúmeros preparativos para o XVII Seminário Nacional e o VIII Seminário Internacional Mulher e Literatura, me deparei com a seguinte frase de um grande jornal de circulação a divulgar seu mais novo empreendimento editorial: a publicação de obras de autoras brasileiras e estrangeiras. A frase é a seguinte: “A história nem sempre estava ao lado das mulheres, mas elas fizeram histórias”. Ela me inquieta de diversas formas, por isso me perdoem se aparentemente desloco meu texto por essa vereda, mas tentarei até seu término, encontrar caminhos que aproximam as questões aqui grifadas.

Se, a princípio, poderíamos louvar ao que parece ser o reconhecimento e a importância de publicações dessa natureza, o que me levaria a repetir os

conhecidos versos do poeta baiano Castro Alves retirados de “O Livro e a América” (19-, p. 17):

Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto –
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n’alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar.

Bendito ainda mais os que os colocam a lume, os que publicam obras de mulheres! Não posso deixar de apontar o incômodo que o slogan da peça publicitária também a mim me trouxe. Há nela ao menos duas questões que decerto me incomodam: a primeira delas, é o fato de deslocar o sentido da palavra “história”, de modo subliminar, ao trocar a categoria de número: do uso do termo no singular para o plural “histórias”. Até onde posso encaminhar meu entendimento, essa distinção nos conduz a um novo patamar: já se reconhece então que as mulheres adentraram no campo da literatura - “elas fizeram histórias” - uma vez que a acepção da palavra está no sentido de “narração de eventos fictícios ou não, ou de cunho popular e tradicional; estória” (HOUAISS, 2008).

A segunda questão que se pode deduzir é o reconhecimento de que o espaço da mulher como produtora de literatura não foi legitimado “A história nem sempre estava ao lado das mulheres”. Se tomarmos a palavra “história” no sentido de “história literária”, poderemos observar que como muito bem argumenta Rita Terezinha Schmidt (2017, p. 75):

Sob o olhar oficial dessa instituição [acadêmico-literária], reivindicamos a visibilidade da mulher como produtora de discursos e saberes, instaurando um recorte diferencial na leitura da historiografia, da tradição literária e dos cânones nacionais, a partir do reconhecimento da cumplicidade entre os pressupostos e critérios de valoração que sustentam o sistema literário e as relações de poder inscritas nas práticas discursivas e culturais que circulam dentro e fora dos estudos literários.

A confirmação desse lugar de escrita, do ingresso das mulheres em uma das artes mais marcadamente centradas na figura masculina não se deu sem um longo processo de luta. Foi uma conquista pautada, para seguir o raciocínio de Schmidt (2017), com a revisão da história literária, do questionamento do cânone, do exame dos códigos estéticos dominantes, de seus parâmetros e das obras selecionadas e excluídas do sistema literário.

No Brasil, A mulher na literatura se transformou em um Grupo de Trabalho, em 1987, em cuja agenda se encontrava o empenho de, através da crítica feminista, institucionalizar as pesquisas nessa área (STEVENS, 2010). É o que a pesquisadora Constância Lima Duarte tão bem expressou nos *e-mails* trocados com a expressão que deu origem ao título de uma das mesas redondas deste XVII Seminário Nacional e VIII Seminário Internacional Mulher e Literatura: **Resgate: história de um sonho-projeto.**

Tal projeto foi responsável por, entre as décadas de 80 e 90, aglutinar pesquisadora (e)s brasileira (o)s de diversas universidades (em um movimento transnacional, como sublinhou Rita Terezinha Schmidt (2017) na Introdução de seu novo livro *Descentramentos/Convergências: ensaios de crítica feminista* e envolvê-las(os) em um amplo projeto de traço arqueológico: recuperar autoras, poetisas, cronistas, dramaturgas, jornalistas, bem como seus escritos, sua atuação no âmbito da literatura e da cultura do período oitocentista brasileiro. Escritos e escritoras silenciadas e excluídas da história literária brasileira, cujas produções – ainda que bem aceitas pelo público à época – não tiveram segundas edições ou que não mereceram atenção da crítica, voltada para padrões androcêntricos.

Dessa investigação realizada, nomes proscritos da história literária e obras esquecidas voltaram a circular e a exigir uma nova vertente da historiografia e da crítica a basear-se nos estudos feministas a fim de construir novos parâmetros para os estudos literários. Conhecer essa produção de mulheres, republicar e divulgar suas obras através de edições comentadas que oferecem a compreensão da época vivida e da “leitura de mundo” dessas ensaístas, poetisas, ficcionistas, como a tarefa quixotesca realizada pela Editora Mulheres da saudosa Zahidé Muzart, decerto permitiu a circulação de nomes como os das cariocas Gilka Machado, Júlia Lopes de Almeida, Adalzira Bittencourt, da maranhense Maria Firmina dos Reis ou das baianas Ildefonsa Laura César, Adélia Fonseca, Ana Autran, Amélia Rodrigues, Anna Ribeiro.

Na busca por essas obras, integrantes do projeto nos dedicamos a percorrer as histórias de vida dessas mulheres e a compreender que o lastro sócio-histórico-

cultural em que estiveram inseridas por muitas vezes foi um impeditivo para o florescimento da condição de autora. Era preciso recuperar as “histórias” produzidas por mulheres que fizeram “história” em seu tempo, tendo consciência de que tal tarefa se constituiria em uma atividade de garimpo, de “escavação”, em sebos e bibliotecas ou mesmo em arquivos de famílias, de obras ignoradas pelo cânone literário, de busca por edições únicas, difíceis de serem localizadas ou mesmo por textos manuscritos e inéditos.

Fiquemos com algumas das baianas aqui anunciadas, as poetisas apenas, até mesmo porque no *establishment* intelectual reinante na Bahia oitocentista os romances eram

...desaconselháveis ao sexo feminino, cuja propalada instabilidade emotiva e limitado senso crítico o expunham a aceitar o procedimento de julgados heróis e heroínas, já que o romance gira em torno de si mesmo, em círculo fechado, e o faziam inconscientemente sujeito a ideologias então inaceitáveis. (CASTRO, 1996, p. 79)

Era o que preconizavam as teses da Faculdade de Medicina da Bahia que defendiam a incapacidade das mulheres para o intelecto, poucas, portanto, enveredaram pela ficção. Mesmo no século XX, inúmeros são os artigos publicados contrários a essa nova ordem literária, como o “Credo dos que sabem ler”, publicado em *A Paladina* (1911), desaconselhando um tipo de literatura - a naturalista - às mulheres cristãs. Ou ainda o livro do Frei Sinzig, *Através dos romances: guia para as consciências* (1915-1923) que será bastante utilizado pelas articulistas das revistas femininas de ideologia cristã, preocupadas que estavam com o poder da estética naturalista em subverter a ordem e a moral estabelecidas. Livros serão indicados e contra-indicados, mas esta não é uma batalha apenas das mulheres, os escritores também se insurgiram contra os romances para a educação das moças.

Considerada a primeira baiana a publicar versos pelo historiador da literatura baiana Pedro Calmon, a professora Ildefonsa Laura César (nascida em 1774-1873) é um exemplo de como os efeitos dos ditames sociais de uma época afetam, de modo muito mais grave, a condição de escrita de uma mulher. Nas palavras de Nelly Novaes Coelho (2002, p. 278), “poeta reconhecida como a primeira intelectual baiana...Dedicada aos estudos de literatura, filosofia e línguas, Ildefonsa Laura foi professora e se preocupou especialmente com a orientação moral e intelectual dos jovens”. Tendo tido uma filha com o estudante de Medicina José Lino Coutinho, sem nunca ter-se casado, defendia em seus versos a liberdade, o *carpe diem* neoclássico, em versos como

Aflito meu coração
Padece, por ele chora:
Não pode o amor detê-lo!
Amanhã se vai embora.

O prazer, que me animava,
Sem ele jamais vigora:
Triste vida! O caro Esposo
Amanhã se vai embora.
(MUZART, 2000, p. 147)

Na defesa em seus versos de liberdade ante as leis, o crítico Afonso Celso a considera pioneira do erotismo. Em seus versos, se observa ainda a amargura de não poder ter participado da criação da filha Cora: “longa a ausência nos separa, / não faço senão chorar.” Apesar de ter reconhecimento em sua época e ter publicado inúmeros poemas na Imprensa local e haver deixado vários inéditos, dela somente foram publicados: *Ensaio poéticos* (de 1844), apontado como o primeiro livro publicado por uma mulher na Bahia, e *Lição a meus filhos* (de 1854).

Adélia Josefina de Castro Fonseca (1827-1920), a Safo Cristã, como foi cognominada por Gonçalves Dias que a conheceu nos torneios poéticos bastante em voga na sociedade baiana de meados do século XIX, é a segunda poetisa escolhida. Considerada a melhor poetisa baiana de sua época, Adélia Fonseca teve mais escritos do que pode efetivamente publicar, como era tradição talvez naqueles oitocentos, dos versos recitados nas atividades culturais, sem que necessariamente houvesse intenção de publicar. A única publicação conhecida dela é *Ecos da minha alma*, de 1852.

A Bahia vivia voltada ainda para a poesia, notadamente a poesia de momento que alcançava facilmente o público e permitia ao poeta o reconhecimento e a notoriedade popular nas festas e celebrações cívicas, além dos encontros literários tão freqüentes na província, que só perderam espaço para o cinema que apareceu no cruzar do século (ALVES, 1986). O meio baiano ainda vivia do mito do poeta popular, talvez reflexo da Faculdade de Medicina e seu gosto pela oratória e da glória edificante de Castro Alves.

Para David Salles (1973. p. 12)., que persegue as indicações de Pedro Calmon,

...existiriam causas influentes conduzindo a argumentos de natureza sociológica-literária para explicar a consequência, ou seja, a quase ausência ou a pobreza indigente da manifestação ficcional na Bahia do século passado

[século XIX]. E arrumadas a modo de esquema, seriam: a) neoclassicismo baiano retardatário; b) prestígio literário e popular da retórica oratória, na tribuna e no púlpito; c) preferência e predomínio da manifestação poética, favorável à conquista rápida de notoriedade social no meio provinciano; d) culto da erudição, em decorrência da projeção da Faculdade de Medicina como núcleo da vida cultural baiana; e) ausência de editores.

Recolhemos dela um belíssimo soneto a retratar um dos feminicídios mais caros à história da Bahia: o da “encantadora e virtuosa dona Júlia Fetal, na flor dos anos” (AMARAL, *apud* CALMON, 1986, p. 119), assassinada em 21 de abril de 1847 pelo seu noivo – o famoso caso da “bala de ouro”, feita das alianças do noivado, como a lenda ficou contada naqueles dias.

À lamentável morte de D. Júlia Fetal

Soneto

Estavas bela Júlia, descansada
Na flor da juventude e formosura,
Desfrutando as carícias e ternura
Da mãe que por ti era idolatrada

A dita de por todos ser amada
Gozavas sem prever tua alma pura
Que por mesquinho fado à sepultura
Brevemente serias transportada...

Eis que de fero algoz a destra forte
Dispara sobre ti Júlia querida,
O fatal tiro que te deu a morte!

Dos olhos foi-te a luz amortecida
E do rosto apagou-se, iníqua sorte,
A branca, viva cor, com a doce vida.
(CALMON, 1998, p. 126)

A linda releitura dos versos de Camões a Inês de Castro, como se vê em particular na retomada do verso final do soneto, é um exemplo caro da fluência verbal da poetisa. A triste história da jovem, da “virgem baiana”, que ousou rejeitar o noivo que, ensandecido, retirou-lhe a vida permanece gravada na memória cultural da cidade, seja pelo túmulo em que se encontram entalhados os versos, na Igreja da Graça, ou, no romance do historiador Pedro Calmon *A bala de ouro. História de um crime romântico*, seja na retomada constante desse episódio,

como no recente artigo “A bala de ouro” de Nelson Cadena, publicado no jornal *Correio da Bahia* em 27 de julho deste ano, de onde retiro o seguinte trecho: “E o crime de Júlia Fetal saiu do noticiário policial para se perpetuar na literatura”.

Com quinze anos incompletos, Ana Teófila Filgueiras Autran (1856- 1933), publicou, no *Diário da Bahia*, o artigo “A mulher e a literatura”, motivo de polêmica com o jornalista Belarmino Barreto (ALVES; ALVES, 2000, p. 787). Esta poetisa baiana, que teve copiosa produção na Imprensa local e em revistas cariocas, teve forte participação nas lutas feministas e sócio-políticas, nas palavras de seu biógrafo Afonso Costa (1930) e no estudo realizado por Ívia Alves e Lizir Arcanjo Alves (2000).

Com participação em jornal do Partido Liberal, Ana Autran defendeu a participação intelectual da mulher – traço também comum aos diversos escritos de Amélia Rodrigues (1861-1926) e Anna Ribeiro (1843-1930) -, mas que naquela tem um acréscimo muito forte: a defesa da esfera pública das mulheres, da participação delas na República. Nas palavras de Ívia Alves e Lizir Alves (2000, p. 788), Ana Autran defendeu “uma sociedade com paradigmas republicanos, justa e perfeita, defendo a igualdade da mulher e uma busca de harmonia entre os indivíduos.” Antes mesmo de 1888 já havia alforriado os escravos da família. Evidentemente que suas ideias, avançadas para a época, não foram bem aceitas, e nem mesmo sua condição socioeconômica se constituiu em um escudo protetor, motivo pelo qual a poetisa se transferiu para o Rio de Janeiro. De sua produção, que ainda há muito o que se resgatar nos jornais da época, recolho os versos patrióticos do soneto “15 de novembro” (ALVES; ALVES 2000, p. 792):

15 de novembro

Da Lusitânia escravo e vil sujeito,
O Ipiranga solta o grande grito
De independência ou morte e em novo rito
O nosso jugo em parte foi desfeito!

Mas inda irmãos sofriam todo o efeito
Do cativo vil e mais aflito
Todo esse bando incrédulo, proscrito
Via calcado aos pés o seu direito,

Quando em ondas de luz banha-se o povo...
Desprende a liberdade um canto novo
E sabia-se um troféu da humanidade!...

Prendia a realeza a última parte,
Que a derrubando após, hoje reparte
Por todo o solo os dons da liberdade!...

Dela conhece-se a publicação *Devaneios* de 1877, coletânea de poemas. As demais publicações ainda precisam ser recuperadas e organizadas.

Como então se pode observar por esses poucos exemplos que trouxe, a linha de pesquisa Resgate – do Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura – foi (e ainda é) de uma importância única por recuperar essas autoras, seus versos, sua escrita e suas vidas. Por permitir incluir **como um dos projetos da literatura brasileira** – são muitos - o papel das escritoras oitocentistas e de ponderar sobre em que medida os estudos advindos da recuperação dessas autoras e dessas obras passam a interferir no descentramento dos estudos literários contemporâneos no Brasil.

Na já consagrada antologia *Escritoras Brasileiras do século XIX*, mais precisamente na Introdução, Zahidé Muzart, em texto de 1999, vaticinava: “O resgate de nossas primeiras escritoras deverá mudar a historiografia oficial que só levou em conta o corpus de textos canônicos e, mais importante, deverá mudar nossa maneira de encarar a própria História” (MUZART, 2000, p. 27)

Exemplos de que tal utopia da década de 80 se configura como realidade são, a meu ver, a produção desses últimos anos que tem demonstrado que estamos em bom curso para descentrar os estudos literários e a inclusão da crítica feminista foi fundamental para tal tarefa, seja pelas inúmeras teses e publicações, seja pelo acréscimo desse debate nos estudos das Letras, seja por um fato que em muito me marcou no último ano. Professora que fui do Ensino Médio por longos anos, ao participar da avaliação do PNLD 2017 notei que os livros didáticos ampliaram a presença das mulheres escritoras, seja porque há uma lei a exigir isso, seja porque temos apresentados as mulheres escritoras e produzido material suficiente para que elas apareçam citadas. Nessa mudança de paradigma encontrei ao menos duas páginas com a referência ao nosso *Escritoras Brasileiras do século XIX*, me encheu de alegria saber que o esforço conjunto de toda uma geração de pesquisadoras começa a encontrar caminho.

Dizia, no início deste artigo, que o bordão publicitário do famoso jornal de ampla circulação nacional me mobilizava, causando certo, repito, desconforto: “A história nem sempre esteve ao lado das mulheres, mas elas fizeram histórias”. Retornemos a ela, então, para concluir.

Em conferência realizada em um dos seminários do Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura aqui no Nordeste, recordo-me de que, na conferência de abertura, Constância Lima Duarte lembrava do romance *Sua Excia. a presidente da República no ano de 2500*, da modernista Adalzira Bittencourt (1904-1976). O romance utópico previa que em 2500 o Brasil seria governado por uma mulher, a doutora Mariângela de Albuquerque, após as conquistas trazidas pelo movimento feminista, a escritora Adalzira Bittencourt (1996, p. 168 apud RAMOS, 2002, p. 33) dizia em seu texto: “Os legisladores de outrora só apresentavam projetos de leis tolos, com os quais o Brasil andava quase sempre em marcha à ré.” Para tanto, precisam obviamente modernizar as vestes mudar a indumentária menos fru-fru e roupas que não amassassem, abdicando das roupas do século XIX, enfim.

Naquele encontro do GT citado, ainda não tínhamos uma presidenta. Pouco tempo depois, tivemos uma – Dilma Vana Rousseff - eleita pelo povo brasileiro para dois mandatos – os de 2011 e de 2015 - e aqui reside a segunda razão do incômodo esboçado inicialmente em meu texto. Ela incide sobre o fato de que se começamos a ser reconhecidas no campo da Literatura, ainda muito há o que se trabalhar para a inclusão e a manutenção da mulher no campo da Política, em especial se considerarmos que o mesmo jornal que propaga (e se promove, como igualitário e antissexista, ao menos no *slogan* publicitário) que escrevemos “histórias” nos nega a “História”. Acreditar em um novo tempo no qual a conquista de nossas antepassadas não tenha sido inútil e possam ser aprofundadas em nossa sociedade é a nossa bandeira hoje.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. *Poesias Completas*. Prefácio de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d. p. 15-17. [Coleção Prestígio]
- ALVES, Ívia. ALVES, Lizir Arcanjo. “Ana Autran”. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX: antologia*. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 786-800.
- ALVES, Lizir Arcanjo. **Poesia e vida literária na Bahia de 1890 a 1915**. 1986. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986. p. 199.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *O nome das coisas*. 4. ed. rev. Lisboa: Caminho, 2006.
- CADENA, Nelson. A bala de ouro. *Correio da Bahia*. Salvador, 27 jul. 2018, p. 16.
- CALMON, Pedro. *A bala de ouro. História de um crime romântico*. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 1998.
- CASTRO, Dinorah. *A mulher submissa: teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX*. Salvador: Press Color, 1996.

-
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- CORNÉLIA. Credo dos que sabem ler. *A Paladina*, ano II, n. 3, p. 21, nov. 1911.
- COSTA, Afonso. *Poetas de outro sexo*. Rio de Janeiro: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1930.
- FONTES, Nancy Rita Ferreira Vieira. *A bela esquecida das letras baianas: estudo da produção intelectual de Anna Ribeiro*. 1998. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX: antologia*. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- RAMOS, Maria Bernadete. Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e utopia de Adalzira Bittencourt. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002, p. 11-37. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 set. 2018.
- SALLES, David. *Primeiras manifestações da ficção na Bahia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1973. (Estudos Baianos, 7).
- SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos, Convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2017.
- STEVENS, Cristina (Org.). *Mulher e Literatura – 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 03/07/2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 05/08/2018.